

Quem tem medo dos antropólogo(a)s? Dilemas e desafios para a produção e práticas científicas

DOI
[http://dx.doi.org/10.11606/
2179-0892.ra.2018.145680](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145680)

Nota dos Editores

Sala lotada. Os muitos ouvintes que se acotovelavam para acompanhar as palestras, indicavam aos que chegavam minutos após o início do fórum, que o tema “Quem tem medo dos antropólogo(a)s: Dilemas e desafios para a produção e práticas científicas em novos cenários políticos”, iria tocar em problemas e dilemas caros e difíceis de uma antropologia que tem enfrentado, ao esbarrar, quando não abordar diretamente, a discutível agenda política do governo. Conflitos ambientais, territoriais, reflexões sobre gênero, sexualidade e raça, bem como patrimônio, etnicidade e uma série de questões relativas aos direitos fundamentais inundaram o espaço e as mentes de quem estava presente.

O ambiente estava abafado, mas a sensação não era térmica. No entorno, podia-se sentir a respiração agônica de algumas pessoas que, dada as circunstâncias, estão na linha de frente dos enfrentamentos políticos, jurídicos e acadêmicos da antropologia que disputa espaço nas esferas públicas e políticas. Estávamos na 41ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). O fórum de dois dias, organizado pela diretoria da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), trazia, além da presença de antropólogos e antropólogas, uma socióloga e uma cientista política integrantes das associações científicas de suas respectivas áreas, que contribuíam como debatedoras de modo a criar um amplo espaço de interlocução e de reflexão, com as áreas que integram, no Brasil, as ciências sociais. Minutos após o término da sessão, em meio a uma grande agitação, o comitê editorial da Revista de Antropologia já tinha acertado com a diretoria da ABA a publicação do dossiê. Deste modo, a Revista – o primeiro periódico da área no Brasil, criada em 1953 – segue sua vocação de, em diferentes momentos da história, dar voz a múltiplas formas de conflito e antagonicos interesses.

Sabemos que o acadêmico é político, mas este dossiê transborda: contempla as controvérsias do cenário político atual pelas vozes de alguns de seus mais importantes atores e atrizes. Nas próximas páginas, igualmente se encontrará uma das faces atuais da Associação Brasileira de Antropologia.

Assinado pela atual diretoria da ABA, o artigo de abertura do dossiê, intitulado “Quem tem medo dos antropólogo(a)s? Práticas científicas em novos cenários políticos”, traz uma reflexão sobre a visibilidade social e política da antropologia nas últimas cinco décadas e apresenta a proposta das atividades realizadas na 41ª Anpocs. Em seguida, temos os novos contornos do Estado-nação e as acusações e processos contra antropólogos e antropólogas e a ABA, analisados por Eliane Cantarino O’Dwyer. O artigo seguinte, assinado por Lorenzo Macagno, “Antropologia e sociobiologia: breve crônica sobre a ressurreição de um debate”, aborda a controvérsia acerca da chamada sociobiologia na década de 1970, de modo a refletir sobre uma das acusações endereçadas recentemente contra a Associação Brasileira de Antropologia. O campo dos patrimônios é abordado por Izabela Tamaso no artigo: “Quando o campo são os patrimônios: conhecimento e práticas científicas na esfera pública”. Fecha o conjunto original de textos do fórum o artigo escrito a seis mãos por Sérgio Carrara, Isadora Lins França e Júlio Assis Simões que aborda as pesquisas realizadas por antropólogos sobre gênero e sexualidade. As debatedoras do evento, produziram a pedido da diretoria da ABA e do comitê editorial da Revista de Antropologia duas valiosas reflexões. Flávia Biroli, com o aporte da ciência política, perfila suas ideias no artigo “Reação conservadora, democracia e conhecimento” e, desde a sociologia, Marcia Lima nos presenteou com o texto “A produção de conhecimento em tempos de conflito: o lugar das Ciências Sociais”.

Acreditamos que este dossiê chega num momento particularmente propício diante da complexidade do cenário político brasileiro e dos desafios que antropólogos, antropólogas e demais cientistas sociais precisam enfrentar. Não deixem de ler também os excelentes artigos publicados neste número e as resenhas de três dos mais importantes livros de antropologia dos últimos anos. Boa leitura e ótimos debates!